Duplicata

1

SOCIEDADE DE PRESERVAÇÃO AOS RECURSOS NATURAIS E CULTURAIS DA AMAZÔNIA
(SOPREN)

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

A quem interessar possa:

Amazônia, integração a ferro e fogo

O decantado, trombeteado e malsinado processo de integração da Amazônia brasileira teve seu início na década de cinquenta, encerrando o longo isolamento da região, de pelo menos três séculos e meio.

Estamos assistindo e, de certo modo participando, de verdadeiro festival predatório, pandemônio sem pé nem cabeça, de um rosário interminável de erros, desacertos e aberrações sem conta, fazendo sumir qualquer vestígio ou possibilidade de alguma coisa que possa se assemelhar a seriedade de propósitos bem definidos.

Verdadeira praga de gafanhotos vem desabando implacavelmente sobre o que seria o Futuro Celeiro do Mundo. O fogo e a fumaça são uma constante, em todos os quadrantes da região, chegando a impedir a navegação fluvial e aérea, e as maiores fogueiras da história do nosso país, vem sendo vistas, com frequência cada vez maior.

Inclemente, a devastação acelerada vem contribuindo para o dasaparecimento de patrimônio magnifico que talvez pudesse ser útil à própria humanidade.

A pesca predatória alastra-se como doença contagiosa, em ritmo crescente, obrigando, na costa atlânttca, reação semelhante a batalha naval, contra piratas, corsários, bucaneiros e flibusteiros.

1933
comp.

Amaz
0021

5GC-39592
-3587-

A opinião pública, praticamente de braços cruzados, assiste a destruição da fauna silvestre e ao saque consentido e estimulado nosso patrimônio mineral.

Inconcebíveis erros de planejamento e execução podem ser observados a cada etapa da integração: a Perimetral Norte desativada, a Transamazônica convulsionada, ambas dentro do contexto da colonização açodada e tumultuada, resultando em severos conflitos sociais.

A represa de Curuá-Una com a identificação de parasitas nocivos de 60% de sua fauna aquática e da produção de ácido sulfúrico, lembrando o que poderá vir a ocorrer em Samuel, Balbina e Tucuruí, onde, na impossibilidade de se retirar o material de cobertura vegetal as árvores vem sendo depultadas em gigantescas fossas cavadas no leito da futura e imenso lago artificial.

Hordas de peões movimenta-se em todas as direções, ou são empurrados pela bala ou doenças como a malária, por exemplo, inteiramente descontrolada.

Brutal agressão cultural, supera a própria devastação ambiental, e os índios, totalmente dependentes da Funai, caminham rapidamente para a destruição ou aviltamente racial pela total incompetência, impossibilidade ou desorientação do órgão responsável, tal qual o que ocorre em relação, em escala de maior grandeza, com o Instituto responsável pela preservação do meio ambiente amazônico.

A Universidade, praticamente falida, tateia no escuro, na busca das suas possíveis finalidades e objetivos, ficando à margem do momento que atravessamos.

Os núcleos populacionais, tradicionais ou recém criados, mostram-se cada vez mais hostis à sobrevivência e a violência é estigma sempre presente neles.

A Igreja, hesitando entre o tradicionalismo e a opção popular, aberta e declarada, está para todos os efeitos, na Amazônia, em confrontação direta com o Estado, perdido este, no cipoal das bo-

[illegible]

as intenções e esmagado pela inflação, superada, no Inferno Verde, apenas pela devastação e pela corrupção.

Parece não haver nenhuma réstia de luz no fundo do túnel da integração da Amazônia, verdadeiro campo de batalha e uma das poucas esperanças, não só do povo brasileiro, como da própria humanidade.

Estamos vendo cair, não só as grandes árvores amazônicas, como também sonhos e esperanças de uma vida melhor, uma vez que parece não restar nenhuma dúvida que na prática, estamos fracassando na construção de um Mundo Novo, principalmente se considerarmos que tudo o que já ocorreu foi em curto espaço de tempo, ao longo da história do País das Amazonas.

Ninguém computou ainda, os dez mil quilômetros quadrados, que serão inundados no Xingu, os quatro mil no rio Uatumã, onde as cartas geográficas falsas, estariam sendo feitas para deslocar limites, com o objetivo de ampliar a posse de terras de índios, em benefício das mineradoras multinacionais, fato esse aliás muito comum na realidade amazônica contemporânea, onde o problema da posse e domínio da terra, alcança raias do absurdo, com a cessão de imensas glebas para poderosas empresas de fora da área.

A poluição progride assustadoramente entre nós, e estamos na etapa inicial do processo. Gateiros, peões, missionários e latifundiários, e posseiros, já se confrontam, mudando apenas as armas usadas outrora e lógicamente, os meios e modos, que configuraram para a Amazônia, o apelido de Inferno Verde.

Dando continuidade a ativo processo histórico, quadrilhas bem organizadas se apossam do patrimônio cultural, levando para fora dessas paragens, acervo de primeira ordem, como é o caso do ocorrido na Igreja da Mãe de Deus, na orla Atlântica, cujo patrimônio chegou a impressionar o padre Serafim Leite e que teve no decorrer de 1982, o restante do seu tesouro de arte sacra, substituido por peças de metal sem valor, compradas nas lojas de ferragens em Belém.

Mercenários nativos ou de outras plagas, vão se

apossando de tudo que possa ter algum valor para a venda, a embrutecidos colecionadores de outras paragens ou mesmo do exterior, plenos de avidez e pecúnia, inteiramente vazios de conhecimento e respeito as nossas origens.

Nossa arquitetura representativa de passado deliberadamente mal estudado, vem sendo destruida impunemente, como é o caso da chamada Cidade Velha, em Belém, e do Conjunto residencial do Boulevard, na mesma cidade, derrubado, para construção de imponente sede do Banco Central. Tratores da Caterpillar, - apenas como exemplo localizado e simbólico do problema, - fizeram desaparecer para sempre, sítios arquiológicos, às proximidades de Miritituba, no chamado Acesso da Transamazônica, às margens do rio Tapajós.

Gravuras rupestres de nossa pré-história, vem sendo destruidas e segmento de garatuja antiquissima, da Pedra Pintada ou da Jibóia, foi levado para o exterior, como brinde oferecido, em 1982, a esposa de representante diplomático de país amigo, a doce França.

Milhões de hectares de mata virgem desconhecidos quanto às espécies botânicas existentes e tranformadas em pastagens para reses inexistentes, viraram solo degradado e Paragominas, no Estado do Pará, não é mais conhecida como Capital do Boi Gordo, mas como Capital da Juquira, vegetação invasora, que junto com a absoluta falta de estudos, pesquisas e outras pragas, resultaram em terras imprestáveis.

A absurda norma emanada do INCRA - outra estrutura perdida no cipoal da barafunda da política de integração da Amazônia - o terrível V.T.N. (valor da terra núa), obriga a devastação, como é o caso dos castanhais do sul do Pará, Baixo Amazonas, Acre e onde possam existir, pois a a aplicação de incentivos fiscais assim o exige, mesmo que não se faça absolutamente nada, sobre a terra devastada.

Teorias estapafúrdias ou simples palpites de pseudo-científicos como o estado de clímax em que se encontrariam as essencias florestais amazônicas, o pulmão do mundo, a floresta intérmina e outras, parecem ser, ao lado da malária, os únicos instrumentos de contenção

ao desmatamento acelerado, acobertado por percentuais insignificantes, como se esses dados não resultassem de apenas duas décadas de agressão ambiental, superando, de muito, tudo que foi levado a cabo pelas gerações anteriores.

A não valorização dos estudiosos amazônidas, como um todo é outra esquisita postura colonial pode ser facilmente identificada e diz respeito à rejeição pura e simples, pelos meios culturais e científicos nacionais e o sequestro de informações, está incorporado à formação distorcida da Amazônia brasileira.

Os centros de pesquisa funcionam como enclaves, verdadeiras sociedades secretas, de costas para a região e alheias à realidade rural, uma vez que se encontram sitiadas nas sedes municipais em torres de marfim, onde se denominam únicas conhecedoras das verdades reionais, em que pesem incipientes tentativas local, de se popularizar os frutos da ciência, até então inacessíveis à imensa maioria das gentes amazônicas.

A espúria Associação dos Empresários da Amazônia, sediada em São Paulo e carente de qualquer válido representante regional, identifica pálida idéia do que ocorre no setor.

Verdadeiros festivais de mordomias, representados por Encontros, Seminários, comitivas, instalações, avaliações e qualquer coisa que possa, na aparência, contribuir com o desenvolvimento da região, esfarelam-se diante dos paupérrimos resultados conseguidos, a não ser o vasamento das nossas divisas, em benefício de alguns poucos ou de estruturas amorfas e inoperantes.

Já existe indícios de inevitável rachadura da Amazônia, em oriental e ocidental, pressionada por interesses de fora, mesmo levando em conta a absurda caracterização de Amazônia clássica e legal, aberração geográfica, cultural, botânica e social, uma vez que encobre interesses políticos subrepticios e inescrupulosos.

O chamado desvio de rota, com a preferência ou opção da Igreja pelos pobres, ainda em fase de consolidação, ensejou um sem número de movimentos de religiosidade, os mais estapafúrdios, levando de roldão [illegible] nascentes [illegible], protagonistas [illegible] à [illegible],

roldão, os próprios remanescentes silvícolas, praticamente chegados à exaustão, desde a época do descobrimento e da conquista, até o presente.

Os chamados veículos de comunicação de massas, reduzindo o espaço amazônico, bombardeiam, sem dó nem piedade, mesmo os arraiais culturais mais escondidos, na imensidão das Amazônias, em ativo processo de agressão cultural, ampliando e consolidando sobremaneira, hábitos usos e costumes de outras regiões e de outras gentes, controlados todos, pelas multinacionais, que com extrema tranquilidade ampliam suas bases de sustentação. A tradição popular ressente-se ainda na atualidade, da interferência restritiva de missionarios, particularmente dos de origem estrangeira, em que pese postura emergente, dentro das bases da chamada Teologia da Libertação.

Na busca da identidade amazônica, que nos caracteriza mais pelos metros cúbicos, áreas devastadas, abundância de minérios e epopéias de laboratório, é quase nula a participação dos representantes do povo, alheios igualmente à desenfreada carga de cavalaria que agride o Paraíso das Amazonas, em todos os ermos e distâncias do hoje quase inviável Futuro Celeiro do Mundo.

A desinformação campeia livremente e procura-se a qualquer custo escamotear os resultados danosos da tão esperada integração da Amazônia, caracterizada claramente nos seus primeiros passos, de verdadeira desintegração ambiental e cultural.

É possível aceitar, que os primeiros indícios de alguma forma de reação a esse estado de coisas, começa a se fazer presente, espécie de postura cultural. Somente o tempo dirá o que poderá ocorrer.

Belém, 08 de julho de 1983.

Camillo Martins Vianna

XXXV Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com